

BÚRIGO, Célia. Reduzido o espaço cultural. Campinas perde duas livrarias. Correio Popular, Campinas, 26 out. 1984.

Reduzido o espaço cultural. Campinas perde duas livrarias

A Livraria Ler Bem, propriedade do prefeito Magalhães Teixeira, foi vendida anteontem. Em seu lugar deverá nascer uma loja de presentes, talvez uma lanchonete, ou mesmo um bar. Há poucos dias no Shopping Center Iguatemi fechou a Livraria Interclass, onde passaram inúmeros autores lançando suas obras, mais recentemente Hilda Hilst e Fernando Sabino. Hoje transformou-se em mais uma papelaria. A próxima perda cultural para Campinas poderá ser a mais antiga casa do gênero em Campinas, a Livraria Universal.

Os motivos? Vários. Tanto para explicar o fechamento da Ler Bem como da Universal, a crise não foi lembrada e o ex-proprietário da Interclass não foi localizado. No caso da Ler Bem, segundo os assessores, o prefeito anda muito atarefado e há muito vinha querendo vender o ponto, até que surgiu alguém interessado. A livrarias, que começou a oferecer descontos altos nestes dias de despedida funcionou nove anos e teve uma fase de ser uma das raras portas abertas no sábado à noite e domingo de manhã.

Venda

Em 1939, Campinas tinha quatro livraria. Uma delas era a Universal, de um jovem com coragem o suficiente para abrir um espaço ao lado da mais famosa livraria da cidade, a Genoud, que funcionava na esquina das ruas César Bierrembach com Barão de Jaguara. Ali começou Santino Heinzl, campineiro de descendência alemã por parte de pai.

"Comecei quando Genoud morreu", lembrou Santino pois pouco tempo depois que havia se estabelecido o próprio Pedro Genoud, chegando de Paris, faleceu e seu corpo ficou exposto na livraria. Genoud era o nome do estabelecimento mais importante da época, com artigos musicais e outros artefatos numa loja bem equipada. "Ele era um poderoso concorrente, tinha crédito, não era como hoje".

Porque a Universal pode fechar se os tempos de agora, conforme Santino, não são tão duros para quem entende do assunto? Acontece que todo o bloco de lojas e mesmo o Hotel Terminus estão à venda. A Universal não é alugada, mas deverá ser sacrificada pelos interessados pois não há facilidade para a livraria sobreviver sozinha. "Não sei o que vou fazer ainda", respondeu Santino, pois "estou muito apegado a isso aqui", lembrando entre as personalidades que ali pisaram o presidente da República, Washington Luis, que sempre se dirigia para a seção de autores nacionais. Sem avaliar de imediato os volumes acumulados desde 39, Santino afirma que o que segura uma livraria é a figura do livreiro. (Sem contar as opções que estão aumentando em bancas de revista).

Herói

"O livreiro precisa ter gosto e precisa ser um herói" — acredita Santino. Idéia que ele exemplifica melhor com o pensamento de outro livreiro, Mon-



Os livros perdem dois espaços importantes e podem perder outros na cidade

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE013703

teiro Lobato, que já afirmava que "qualquer negócio daria mais lucro". Mas a crise, garantiu Santino, não é motivo para fechar a Universal. "Entendemos do ramo; o que o leitor procura ele encontra aqui". E interessante: em muitas livrarias (são 11 atualmente, computando as já fechadas e excluindo também a Universal) o próprio dirigente não sabe o que tem. Na Universal, somente Santino conhece todos os títulos.

O livreiro na livraria. Esse é um dos segredos. Quem divide a mesma convicção é Milton Cornachia, da Livraria e Editora Papyrus, que hoje assume três casas na cidade, e há dois anos vem mantendo o lançamento de dois livros por mês (em outubro o número subiu para quatro títulos). "A maior livraria do Vale do Paraíba era para estar em São José dos Campos, que é uma cidade grande, mas está em Jacarei. Porque o cara é dedicado ao livro", contou Milton.

— Em Minas tem outro caso assim, parece que é em Nova Lima, uma cidadezinha de nada e tem uma senhora livraria. É um ramo muito difícil, que exige muito. A própria natureza do livro que é muito barato e de difícil comercialização. O livro é diferente de uma camisa, de um televisor. A gente tem que estar de olho em tudo que acontece. Até um Jorge Amado deu o cano em todo mundo; não vendeu "Tieta do Agreste".

Sem crise

Também para Milton Cornachia que inaugura sua terceira loja no próximo mês, a Papyrus

Bio-Médica (casa especializada) a crise não está atingindo o livro. "O livro é insignificante no contexto econômico do Brasil — o livro já é elitismo". Mas ele reconhece que as compras estão sendo dirigidas para assuntos específicos, e admite que está mais difícil criar o hábito de leitura nas escolas primárias.

Por outro lado, confirmou, um livro importado anda caríssimo. "O importado mais usado, o "pocket" (de bolso, descartável em seus países de origem valem hoje Cr\$ 30 a Cr\$ 40 mil por unidade. Um livro de arte, comentou Milton, "ficou proibitivo até para as classes mais privilegiadas". A obra sobre Pancetti, edição nacional, por exemplo, que se conta nos dedos da mão os campineiros que a adquiriram, custa perto de Cr\$ 200 mil.

O público hoje prefere títulos sobre cozinha, culinária natural, se liga ainda mais em best-seller e anda preocupado com assuntos esotéricos, buscando na leitura um motivo de descontração, como nas engraçadas histórias de Luis Fernando Veríssimo, disse o livreiro da Universal, que lamenta a defasagem de livreiros assim como a de farmacêuticos.

Todas as livrarias do Brasil, estimadas em 600, ocupam o espaço livreiro de Buenos Aires. Campinas que possui atualmente 11 livrarias — são excluídas aquelas que funcionam em maior porcentagem como papelarias e dispõem de reduzido número de livros — em contrapartida com 2.425 indústrias, 6 hotéis de luxo, 21 clubes sociais e duas universidades. (Célia Búrgio)